

ENCÍCLICAS
DE
BENTO XVI

ENCÍCLICAS
DE
BENTO XVI



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

A presente edição é baseada em textos publicados
pela Tipografia Poliglota Vaticana
e cotejada com os textos originais em latim.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(*Angélica Ilacqua CRB-8/7057*)

Igreja Católica, Papa (2005-2013: Bento XVI)

Encíclicas de Bento XVI / [organização e apresentação de Rudy Albino de Assunção]. –
São Paulo: Paulus, 2021.

Coleção Documentos da Igreja.

ISBN 978-65-5562-345-1

Encíclicas papais I. Assunção, Rudy Albino II. Título III. Série

21-3529

CDD 262.91
CDU 262.131

Índice para catálogo sistemático:

1. Encíclicas papais : Igreja Católica

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*

Coordenação da revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Luciana Mourão Maio*

Coordenação de arte: *Rodrigo Moura de Oliveira*

Diagramação: *Matheus Miguel Jacinto*

Editoração, impressão e acabamento: *PAULUS*



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas
promoções: paulus.com.br/cadastro

Televidas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2021

© PAULUS – 2021

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-345-1

AS VIRTUDES TEOLOGAIS SEGUNDO O PAPA TEÓLOGO

Introdução às encíclicas de Bento XVI

Bento XVI,¹ ao longo do seu pontificado (19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013) legou à Igreja e ao mundo três encíclicas: *Deus Caritas Est*, *Spe Salvi* e *Caritas in Veritate* e, também, uma quarta, “mediada” por seu sucessor, o papa Francisco: *Lumen Fidei*. Nelas resplandecem as virtudes teológicas: *fé, esperança e caridade*,² sempre unidas ao tema da *verdade*. Agora, providencialmente, elas aparecem todas coligidas neste volume da Coleção *Documentos da Igreja*, da editora Paulus.

Na trilha do Vaticano II e de São João Paulo II

O papa professor foi parcimonioso na publicação de grandes e solenes textos. Entretanto, esta atitude é explicada por ele mesmo numa entrevista à televisão polonesa, no primeiro ano do seu pontificado, na qual aludia ao amplo *corpus* magisterial do seu antecessor, São João Paulo II (1920-2005), composto principalmente por quatorze encíclicas.³ Nas palavras do papa alemão,

¹ Incontornável para entender a história e a trajetória intelectual de Ratzinger é o relato de sua própria pena: *Lembranças da minha vida*. Autobiografia parcial (1927-1977). São Paulo: Paulinas, 2006. Muitos outros pormenores são fornecidos em SEEWALD, Peter; RATZINGER, Joseph. *O sal da terra*. O cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 35-95. Uma ampla biografia de Bento XVI que vai desde a infância até os primeiros anos de papa emérito pode ser encontrada em BLANCO, Pablo. *Bento XVI*. O papa alemão, 2 vol. São Paulo: Molokai, 2019. Outra, ainda mais detalhada – do ponto de vista das discussões teológicas nas quais Ratzinger se inseriu – é a de GUERRIERO, Elio. *Servo de Deus e da humanidade*. A biografia de Bento XVI. São Paulo: Quadrante, 2021. Mais recente temos SEEWALD, Peter. *Bento XVI*. A vida. São Paulo: Paulus, 2021.

² RAUSCH, Thomas. *Faith, Hope and Charity*. *Benedict XVI on the theological virtues*. Mahwah: Paulist Press, 2015. Para uma abordagem mais sucinta do tema: BLANCO, Pablo. *Bento XVI*: um papa de suas ideias. São Paulo: Molokai, p. 54-55-59-63.

³ JOÃO PAULO II, Papa. *Encíclicas de João Paulo II*, 2. ed. São Paulo: Paulus, 2020.

elas representam “um patrimônio riquíssimo que ainda não foi assimilado suficientemente na Igreja”. Insistindo nessa linha de raciocínio, Bento XVI apresentou uma importante chave interpretativa do próprio pontificado: “Eu considero precisamente como minha missão essencial e pessoal não emanar tantos novos documentos, mas fazer de maneira que estes documentos sejam assimilados, porque são um tesouro riquíssimo, são uma interpretação autêntica do Vaticano II”.⁴

Ou seja, ele não apenas se colocou na esteira do papado de João Paulo II – o qual nunca pretendeu imitar –, mas sobretudo do grande concílio ecumênico do século XX. Ele buscou, sempre, continuar a aprofundar e fazer conhecida a herança reformadora do Vaticano II, lendo os seus documentos, a sua *letra*, como o seu verdadeiro *espírito*. “Bento XVI continua a insistir neste ponto: está ainda por realizar a tarefa de comunicar as autênticas afirmações do concílio à consciência eclesial e, a partir delas, dar forma à vida eclesial.”⁵

Há um dado adicional: quando Peter Seewald, seu habitual entrevistador, perguntou-lhe a razão do seu comedimento, Bento XVI – já papa Emérito – explicou a sua postura com duas razões: “Primeiro, porque queria terminar a obra sobre Jesus. [...] E ainda porque, depois da grande profusão de encíclicas que nos deu João Paulo II, achei que podia seguir um ritmo mais lento”.⁶

⁴ BENTO XVI, Papa. Entrevista à televisão polonesa, 16 de outubro de 2005. Para compreender a visão de Bento XVI do pontificado anterior, é salutar a leitura de RATZINGER, Joseph. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000. O cardeal Ratzinger também fez uma análise ligeira, mas global, das encíclicas wojtylianas no Congresso João Paulo II: 25 anos de pontificado – A Igreja a serviço do homem, Pontificia Universidade Lateranense, Roma, 8 a 10 de maio de 2003 (reproduzido em *João Paulo II, o meu venerado predecessor*. Gráfica de Coimbra: Coimbra, 2008). Depois de sua renúncia, concedeu a seguinte entrevista sobre o antecessor: “Para mim, tornou-se cada vez mais claro que João Paulo II era um santo”. In: REDZIOCH, Włodzimierz (org.). *Ao lado de João Paulo II. O que dizem seus amigos e colaboradores*. São Paulo: Cidade Nova, 2004, p. 17-26.

⁵ MADRIGAL, Santiago. *Karl Rahner e Joseph Ratzinger no seguimento do Concílio*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2005, p. 241.

⁶ BENTO XVI, Papa; SEEWALD, Peter. *Conversas finais com Peter Seewald*. Alfragide: Ed. Dom Quixote, 2016, p. 237.

Indo ao essencial da vida cristã

Bento XVI foi, sem dúvida, o “papa do essencial”.⁷ Ao lado da trilogia *Jesus de Nazaré*⁸ – uma profissão de fé pessoal do papa, mas que evidencia o caráter eminentemente cristológico do seu pontificado⁹ –, temos o seu tríplice (diríamos até quádruplo) anúncio epistolar¹⁰ que vai direto ao fundamento da existência cristã. Falar das virtudes teológicas não é mera elucubração; é tratar da vida cristã¹¹ e do que ela pode ser, da altura que ela pode alcançar.

Um testemunho de alguém muito próximo a Bento XVI pode nos ajudar a entender esse ponto. Alfred Läpple (1915-2013), teólogo alemão especializado em catequese e pedagogia religiosa, que foi prefeito de estudos na época em que Ratzinger estava no Seminário de Freising, salientava que a compreensão da fé de Bento XVI parte de categorias concretas, históricas, vividas. Dizia: “Não lhe interessa definir Deus por meio de conceitos abstratos. Uma abstração – disse uma vez – não precisava ter uma Mãe. Deus não veio ao nosso encontro como uma definição abstrata, como um *summum bonum*, mas

⁷ TAURAN, Jean-Louis. O papa do essencial. *30 Dias na Igreja e no mundo*, São Paulo, ano XXV, n. 3, março 2007, p. 56.

⁸ RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré. Primeira parte*. Do batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007; *Id.*, *Jesus de Nazaré. Da Entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011; *Id.*, *A Infância de Jesus*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2012.

⁹ KOCH, Kurt. *Il vincolo tra amore e ragione*. Sull'eredità teologica di Benedetto XVI. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015, p. 225.

¹⁰ A literatura sobre estas três encíclicas é vasta. Cito apenas, como leitura inicial e global sobre elas, a trilogia dos professores de Salamanca: FLECHA, José-Román (coord.). *Deus é amor: comentários à encíclica de Bento XVI Deus Caritas Est* (Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2007); PROFESORES DE LA UNIVERSIDAD PONTIFICIA DE SALAMANCA. *Salvados en esperanza*. Comentarios a la encíclica de Benedicto XVI *Spe Salvi*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca/Fundación Pablo VI, 2008; GARCÍA, Ángel García; FLECHA, José-Román (coord.). *Caridad en la verdad*. Comentario a la encíclica *Caritas in veritate* de Benedicto XVI. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca/Fundación Pablo VI, 2010.

¹¹ MONDIN, Battista. *Antropologia Teológica*. História, Problemas, Perspectivas. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 341.

como um Tu que ama você antes que você o ame, e você só pode agradecer a ele. Só a um Tu você pode dizer sim”.¹²

Esse é o olhar que precisamos ter sobre os textos pontifícios que compõem o presente volume. No que diz respeito a esta exposição, o leitor deve ter presente que ela tem um escopo bem delimitado: oferecer informações histórico-contextuais que ajudem a entender a gênese das cartas papais; apresentar a ideia central de cada uma das encíclicas, recorrendo com frequência a comentários do próprio Bento XVI sobre elas, em conexão com a sua teologia pessoal (pois, como é frequentemente dito, o grande teólogo do pontificado de Bento XVI foi Ratzinger); mostrar a estrutura e a lógica expositiva das encíclicas beneditinas (não uma síntese delas, mas antes um panorama que facilite a sua leitura); e, por fim, evidenciar as afinidades temáticas entre elas.

DEUS CARITAS EST: O AMOR A DEUS E O AMOR AO PRÓXIMO

Em 25 de janeiro de 2006, Bento XVI anunciou a sua primeira encíclica¹³ – e, talvez, a sua preferida¹⁴ – ainda que estivesse datada de 25 de dezembro do ano anterior. O dia da publicação tem “profundas ressonâncias conciliares”,¹⁵ pois coincide com a data do anúncio do Vaticano II por São João XXIII (25 de janeiro de 1959).

¹² “Ratzinger, estudante em Freising e Munique. O novo início que desabrochou entre os destroços”, entrevista com Alfred Läpple de Gianni Valente e Pierluca Azzaro, *30 Dias na Igreja e no mundo*, São Paulo, Ano XXIV, n. 1/2, 2006, p. 60.

¹³ CASALE, Umberto. “Dio è amore”. Per un’intelligenza dell’enciclica di Benedetto XVI. *Archivio Teologico Torinese*: Facoltà Teologica dell’Italia Settentrionale, Torino, ano 13, n. 1, 2007, p. 48-70; URIBARRI, Gabino. Gramática y método de *Deus Caritas Est*, primera encíclica de Benedicto XVI. *Communio*: Revista Católica Internacional de Pensamiento y Cultura, Madrid, Nueva Época, n. 2, otoño 2006, p. 43-56.

¹⁴ BENTO XVI, Papa; SEEWALD, Peter. *Conversas finais com Peter Seewald*, *op. cit.*, p. 237.

¹⁵ FLECHA, José-Román. Apresentação. In: FLECHA, José-Román (coord.). *Deus é amor: comentários à encíclica de Bento XVI Deus Caritas Est*, *op. cit.*, p. 6.

O papa Bento XVI, em sua visita a Pavia, em 2007, citava a grande assembleia conciliar do século XX, mas ainda mencionava o seu grande mestre da Antiguidade cristã que o inspirou na redação da epístola: “Esta encíclica, sobretudo a sua primeira parte, é amplamente devedora ao pensamento de Santo Agostinho, que foi um apaixonado do Amor de Deus, e o cantou, meditou, pregou em todos os seus escritos, e sobretudo testemunhou no seu ministério pastoral. Estou convicto, colocando-me no seguimento dos ensinamentos do Concílio Vaticano II e dos meus venerados predecessores João XXIII, Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II, que a humanidade contemporânea tem necessidade desta mensagem essencial, encarnada em Jesus Cristo: Deus é amor. Tudo deve partir daqui e tudo aqui deve conduzir: cada ação pastoral, cada desenvolvimento teológico. Como diz São Paulo: ‘se não tiver caridade, de nada me aproveita’ (cf. 1Cor 13,3): todos os carismas perdem o sentido e o valor sem o amor, graças ao qual, ao contrário, todos concorrem para edificar o Corpo místico de Cristo”.¹⁶

Outra data enche de significado a publicação. No início da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos de 2006, o papa falava da iminência da publicação de *Deus Caritas Est*, aludindo, inclusive, à demora da tradução para as diversas línguas a partir do alemão, idioma no qual foi redigida. O papa mencionava que estaria na Basílica de São Paulo, fora dos muros, para rezar com protestantes e ortodoxos. E acrescentava: “Além disso, no mesmo dia, 25 de janeiro, será finalmente publicada a minha primeira Encíclica, cujo título já é conhecido, ‘*Deus Caritas Est*’, ‘Deus é amor’. O tema não é imediatamente ecumênico, mas o quadro e o pano de fundo são ecumênicos, porque Deus e o nosso amor são a condição da unidade dos cristãos. São a condição da paz no mundo”.

¹⁶ BENTO XVI, Papa. Homilia na celebração das vésperas na basílica de “San Pietro in Cielo D’Oro”, Visita Pastoral do Santo Padre a Vigevano e Pavia, 22 de abril de 2007.

Prosseguia esclarecendo a sua motivação para escrevê-la, mostrando que queria oferecer ao mesmo tempo uma *teologia do amor* que fundamentasse também a *Caritas* eclesial, pois o amor cristão conjuga os níveis *pessoal e institucional, relacional e estrutural, homem-mulher e Igreja-sociedade*. “Nesta Encíclica desejo mostrar o conceito de amor nas suas diversas dimensões. Hoje, na terminologia que se conhece, o ‘amor’ com frequência está muito distante do que pensa um cristão se fala de caridade. Da minha parte, gostaria de mostrar que se trata de um movimento com diversas dimensões. O ‘eros’, este dom de amor entre homem e mulher, provém da mesma fonte de bondade do Criador, assim como a possibilidade de um amor que renuncia a si em benefício do outro. O ‘eros’ transforma-se em ‘ágape’ na medida em que os dois se amam realmente e um não procura mais a si mesmo, a sua alegria, o seu prazer, mas sobretudo o bem do outro. E, assim, isto que é ‘eros’ transforma-se em caridade, num caminho de purificação, de aprofundamento. Da própria família abre-se de par em par à família mais vasta da sociedade, à família da Igreja, à família do mundo. Procuo demonstrar também como o ato pessoalíssimo que nos vem de Deus é um único ato de amor. Ele deve expressar-se também como ato eclesial, organizativo. Se é realmente verdade que a Igreja é expressão do amor de Deus, daquele amor que Deus tem pela sua criatura humana, também deve ser verdade que o ato fundamental da fé que cria e une a Igreja e nos dá a esperança da vida eterna e da presença de Deus no mundo gera um ato eclesial. Na prática a Igreja, também como Igreja, como comunidade, de maneira institucional, deve amar. E a chamada ‘Caritas’ não é uma mera organização, como outras organizações filantrópicas, mas necessária expressão do ato mais profundo do amor pessoal com que Deus nos criou, suscitando no nosso coração o estímulo para o amor de Deus, reflexo do Deus Amor que nos torna sua imagem”. Por fim, indicou a razão da postergação

do lançamento da encíclica já aludida: “Transcorreu bastante tempo antes que o texto estivesse pronto e traduzido. Agora parece-me um dom da Providência que o texto seja publicado precisamente no dia em que rezaremos pela unidade dos cristãos”.¹⁷

Vamos tratar com mais cuidado da argumentação de Bento XVI mais adiante. Por hora é preciso mencionar que alguns autores afirmam que o novo papa teria aproveitado um esboço do seu predecessor acerca do amor humano para redigir o seu próprio texto, o que denota a continuidade entre ambos aludida antes.¹⁸

As expectativas comuns para a primeira encíclica pontifícia apontavam para um programa de governo similar àqueles dos líderes das esferas temporais. No entanto, Bento XVI foi à essência da nossa fé: “Hoje, trata-se de focalizar os grandes temas e, ao mesmo tempo, como com a encíclica *Deus Caritas Est*, ‘Deus é amor’, tornar novamente visível o cerne do ser cristão e, assim, igualmente a simplicidade do ser cristão”.¹⁹

De fato, como um verdadeiro teólogo e mestre, apresentou nela “sua própria síntese da revelação”.²⁰ “Aos que já

¹⁷ BENTO XVI, Papa. *Audiência geral*, 18 de janeiro de 2006.

¹⁸ O novo papa trabalhou sobre a primeira parte – mais breve e teológica, inteiramente produzida por ele – durante as férias de verão, em 2005, no Vale d’Aosta. Já a segunda parte advém de um projeto que nasceu no último período do pontificado de João Paulo II endossado pelo Pontifício Conselho *Cor Unum*: a redação de uma encíclica sobre a caridade. O projeto não teria agradado à Secretaria de Estado, o que fez com que fosse deixado de lado. O papa Wojtyła decidiu voltar ao projeto, atribuindo-o a outros colaboradores. Esta parte, voltada à atividade caritativa da Igreja e a organizações internacionais como a ONU, foi preparada pela exposição teológica de Bento XVI (TORNIELLI, Andrea. *L’enciclica di papa Benedetto XVI e la “guerra” dei traduttori. Il Giornale*, 18 gennaio 2006).

¹⁹ BENTO XVI, Papa; SEEWALD, Peter. *Luz do mundo. O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 101.

²⁰ MARTÍNEZ, Julio L. Martínez. *Deus Caritas Est*. “La verdadeira moral del cristianismo es el amor”. In: MADRIGAL, Santiago (ed.). *El pensamiento de Joseph Ratzinger. Teólogo y papa*. Madrid: San Pablo/Universidad Pontificia Comillas, 2009, p. 101.

tinham preparada a artilharia, deixou-os sem argumentos, porque a encíclica evitou dinâmicas de censura ou de condenação; fala do amor em toda a sua extensão...”²¹

O título da encíclica é tirado de uma carta joanina (n. 1). Ele, o papa teólogo, quis começar com uma abordagem profundamente bíblica e, para falar do amor à luz da Escritura, parte do que escreveu o discípulo amado. Bento XVI, que sempre mostrou grande interesse pelo quarto evangelho e o seu autor em sua teologia, dizia em sua audiência sobre “João, o teólogo”: “Se existe um assunto característico que mais sobressai nos escritos de João, é o amor. Não foi por acaso que quis iniciar a minha primeira Carta Encíclica com as palavras deste apóstolo: ‘Deus é amor (*Deus Caritas Est*); quem está no amor habita em Deus e Deus habita nele’ (1Jo 4,16)”²²

A primeira parte da encíclica é mais *especulativa*, na qual o pontífice tratou do amor que Deus oferece ao homem e da realidade do amor humano; a segunda parte é mais *operativa*, e está dedicada à atividade caritativa da Igreja, ou seja, do amor ao próximo. Nesse sentido, *Deus Caritas Est* põe os fundamentos da Doutrina Social²³ que será desenvolvida em *Caritas in Veritate*.

Em primeiro lugar, o amor: *eros* e *ágape*

Era a primeira vez que o ensinamento papal tratava direta e organicamente do tema do amor, sobretudo correlacionando *eros* e *ágape*. Um autor não citado na encíclica, mas que, sem dúvida, está no seu horizonte (veja particularmente o n. 7), é o teólogo sueco luterano Anders Nygren (1890-1978), que publicou, em 1930, um livro intitulado precisamente *Eros e Ágape*. A ideia básica dele

²¹ *Ibidem*, p. 103.

²² BENTO XVI, Papa. Audiência geral, 9 de agosto de 2006.

²³ COLOM, Enrique. *L'attività caritativa della Chiesa. Spunti di lettura della Deus Caritas Est. Annales Theologici*: Facoltà di Teologia della Pontificia Università della Santa Croce, v. 21, fascicolo 1, 2007, p. 157-162.

era que o cristianismo está fundado no amor entendido como ágape, como entrega de si mesmo sem a espera de algo em troca.²⁴ Ele assim comparava as duas modalidades de amor:

“Eros é desejo aquisitivo e anseio.

Ágape é doação sacrificial.

O eros é um movimento ascendente.

O ágape, descendente.

Eros é o caminho do homem para Deus.

Ágape é o caminho de Deus para o homem.

Eros é o esforço do homem: assume que a salvação do homem é sua própria obra.

Ágape é a graça de Deus: a salvação é a obra do amor Divino.

Eros é um amor egocêntrico, uma forma de autoafirmação do tipo mais alto, nobre e sublimado.

Ágape é amor altruísta, ‘não procura o próprio interesse’, entrega a si mesmo.

Eros procura ganhar a sua vida, uma vida divina, imortalizada.

Ágape vive a vida de Deus, por isso atreve-se a ‘perdê-la’.

Eros é a vontade de obter e possuir que depende da vontade e da necessidade.

Ágape é a liberdade de dar, que depende da riqueza e da abundância.

Eros é principalmente o amor do homem; Deus é o objeto do eros. Mesmo quando é atribuído a Deus, o Eros é modelado no amor humano.

Ágape é principalmente o amor de Deus; ‘Deus é ágape’. Mesmo quando é atribuído ao homem, ágape é modelado sobre o amor Divino.

²⁴ TORNIELLI, Andrea. Lenciclica di Papa Benedetto XVI e la “guerra” dei traduttori, *op. cit.*

Eros é determinado pela qualidade, a beleza e o valor do seu objeto; não é espontâneo, mas ‘evocado’, ‘motivado’.

Ágape é soberano em relação ao seu objeto, e é dirigido tanto ao ‘mal como ao bom’; é espontâneo, ‘transbordante’, ‘desmotivado’.

Eros reconhece valor no seu objeto – e ama-o.

Ágape ama – e cria valor no seu objeto”.²⁵

Bento XVI matizará tais distinções. Esta cisão, esta dualidade do amor será redefinida pelo papa alemão como duas dimensões. Como assinalou o cardeal Angelo Scola, então cardeal patriarca de Veneza, em *Deus Caritas Est* destacam-se três aspectos, que são fundamentais para a sua compreensão.

Em primeiro lugar, a *unidade do amor*, dada a impossibilidade de separar *eros* e *ágape*: “a unidade do amor oferece a possibilidade não só de remontar do amor humano ao mistério da Vida trinitária (*ana-logía*), mas também de iluminar a partir deste mistério, manifestando-se plenamente em Jesus Cristo a mesma experiência do amor humano (*cata-logía*).”²⁶

Bento XVI quis indicar aos fiéis cristãos e a todo o mundo que Deus é a fonte do amor verdadeiro, que só ele pode renovar o coração humano.²⁷ “Deus serviu-se do caminho do amor para revelar o profundo mistério da sua vida trinitária.”²⁸ Aqui está o núcleo e o *novum* da fé cristã: não há fé sem o anúncio do amor, que só é compreendido na verdade. E o amor cristão não rejeita a sexualidade, o *eros*. Isto é uma caricatura da fé autêntica. A Igreja não é inimiga do *eros*, mas sua defensora. Além do

²⁵ NYGREN, Anders. *Agape and Eros*. Philadelphia: Westminster Press, 1953, p. 210.

²⁶ SCOLA, Angelo. Introdução. In: BENTO XVI, Papa. *Deus Caritas Est*. Introdução e comentários de Angelo Scola. Principia: Estoril, 2006, p. 9-10.

²⁷ BENTO XVI, Papa. *Angelus*, 19 de fevereiro de 2006.

²⁸ *Idem*. Discurso aos participantes no Congresso Internacional sobre Matrimônio e Família, 11 de maio de 2006.

mais, fica evidente que “não há separação entre o *humano* e o *cristão*”,²⁹ pois a fé não nega a natureza, mas a eleva. Dito de outro modo, a verdadeira antropologia é, aqui, também teologia, pois o que é verdadeiramente humano também é divino.

Em segundo lugar, a *centralidade de Jesus Cristo*: “Ele é que é a fonte da unidade entre *eros* e *ágape*, entre *amor a Deus* e *amor ao próximo*”.³⁰

Em terceiro lugar, uma *antropologia integral* do *Homo viator* (a caminho da vida eterna): homem uno de corpo e alma, não um ser abstrato, mas singular, concreto, histórico.³¹

Se olharmos para *Deus Caritas Est*, ela parte da categoria do *encontro*. Aqui percebemos o personalismo teológico³² do pensamento de Ratzinger confluindo para o magistério de Bento XVI. A fé é o encontro (n. 1) do Eu individual com o Tu divino, com a Pessoa de Jesus. Então, estamos longe de todo tipo de individualismo e fechamento em nós mesmos. Isso já estava desenvolvido no *opus magnum* de Ratzinger, que diz: “A fé cristã é mais do que a opção por um fundamento espiritual do mundo, e é por isso que a sua fórmula central não diz ‘Creio em algo’, e sim ‘Creio em ti’. Ela é o encontro com o homem Jesus, e nesse encontrar-se ela experimenta o sentido do mundo como pessoa”. E dizia mais: “a fé se torna o encontro do tu que me sustenta e me dá a promessa de um amor indestrutível [...]; na fé não apenas aspiramos à eternidade, ela nos é realmente concedida”.³³

²⁹ SCOLA, Angelo. Introdução, p. 10.

³⁰ *Idem*.

³¹ *Ibidem*, p. 10-11.

³² LÄPPLE, Alfred. *Benedetto XVI e le sue radici*. Venezia: Marcianum Press, 2009, particularmente as p. 43-47; DIRSCHEL, Erwin. Dios y el hombre como seres relacionales. La figura conceptual teológica y antropológica de Joseph Ratzinger a partir de la cristología. In: MEIER-HAMIDI, Frank; SCHUMACHER, Ferdinand (eds.). *El teólogo Joseph Ratzinger*. Barcelona: Herder, 2007, p. 97-123.

³³ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. Preleções sobre o Símbolo Apostólico. São Paulo: Loyola, 2005, p. 59.